



Apresentação

Juliana Batista dos Reis
Rodrigo Ednilson de Jesus
Ana Maria Rabelo Gomes

Como citar este capítulo

Reis, Juliana Batista dos; Jesus, Rodrigo Ednilson de; Gomes, Ana Maria Rabelo (org.). Apresentação. In: Reis, Juliana Batista dos; Jesus, Rodrigo Ednilson de; Gomes, Ana Maria Rabelo (org.). *Quando a diversidade reeduca as instituições e as práticas educativas*. Belo Horizonte: Editora Selo FaE, 2024. p. 7-13.

No ano de 2008, um ano antes da aprovação da política de bônus na Universidade Federal de Minas Gerais e quatro anos antes da promulgação da Lei nº 12.711, conhecida como Lei de Cotas, um grupo de professores/as vinculados à Pós-Graduação da Faculdade da Educação da UFMG organizou e publicou o livro *Quando a diversidade interroga a formação docente*. A participação de diferentes docentes vinculados à linha Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas (Geraldo Leão, Juarez Dayrell, Juliana Reis, Lucinha Alvarez, Miguel Arroyo, Míria Oliveira, Nilma Gomes e Rodrigo Jesus) evidencia como a questão da diversidade sempre ocupou um lugar de destaque nas reflexões e nas proposições políticas dessa linha de pesquisa.

Júlio Emílio Diniz-Pereira e Geraldo Leão destacam, na apresentação da obra, que “apenas muito recentemente, chamou-se a atenção para se contemplar, nessa formação, outras especificidades: as especificidades dos sujeitos-educadores e/ou as especificidades dos sujeitos educandos com quem atuam” (Diniz-Pereira; Leão, 2008). Segundo eles, o tema daquela coletânea seria precisamente as especificidades dos sujeitos educadores/as “outros” e suas interações educativas com sujeitos educandos/as, também outros. Na referida coletânea, foram focalizadas e problematizadas as experiências educativas de professores/as e estudantes indígenas, professores/as e estudantes do campo, professores/as e educadores/as da Educação de Jovens e Adultos, professores/as de jovens e professores/as em sua interface com a diversidade étnico-racial.

De acordo com Miguel Arroyo, a presença crescente desses/as educadores/as e estudantes, historicamente vistos como “outros”, em um ambiente como a Faculdade de Educação da UFMG já revelava um grande potencial repolitizador dos processos formativos que, ainda, teimavam vê-los como infantis e desprovidos de conhecimentos. A presença real desses coletivos, tanto na Educação Básica e quanto na superior, não repolitiza apenas os modos pelos quais tais coletivos eram vistos, como também repolitiza os currículos, as teorias e as práticas pedagógicas. Sobretudo, a presença desses coletivos repolitiza a tendência em homogeneizá-los e tratá-los como os “diferentes”. Com suas práticas culturais, suas epistemologias, seus corpos e suas pedagogias, eles questionam também os modos dos “ditos” normais pensarem a si mesmos, suas práticas culturais, suas epistemologias, seus corpos e suas pedagogias.

A retomada do tema diversidade como norteador dos escritos desta coletânea, organizada no ano de 2023, evidencia a contínua relevância dessa temática, revelando as significativas transformações pelas quais os sujeitos passaram, assim como também as transformações que esses sujeitos foram capazes de promover ao longo dos quinze anos que separam essas duas publicações.

Na presente coletânea, os capítulos que apresentaremos nos trazem a complexa rede de articulações, projeções, proposições e realizações que passaram a compor, com renovada energia, o cenário das instituições educativas no país, em todos os seus níveis, mas também outros espaços não educativos em que a força do direito à diferença se faz presente. A obra que apresenta e reflete múltiplas experiências é caminho para, nas palavras de bell hooks (2013, p. 27), buscar “não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo”.

Abrimos o livro com a produção “Infância, cultura e educação escolar na aldeia Pataxoop Muã Mimatxi”, de Saniwe Pataxoop, Siwê Pataxoop e Lucinha Alvarez. As imbricadas relações entre infância, escola e comunidade são narradas e refletidas no texto. Cultura, natureza, espiritualidade e coletividade consistem em experiências e categorias que orientam os processos educativos e as relações intergeracionais na Aldeia Indígena Pataxó Muã Mimatxi. A vida coletiva e os tempos da natureza orientam a prática escolar, afinal, como sintetizam os autores: “a escola é comunidade e a comunidade é escola”. Observação e oralidade são princípios educativos nas relações dos mais velhos, grandes carregadores do conhecimento, com os mais novos, que estão iniciando a caminhada. Por isso, o texto também apresenta os *Têhêy*, desenhos em movimento, muito enriquecidos e elaborados, que contam uma “ciência, uma técnica, uma cultura, uma identidade, uma história”. A educação escolar está integrada à ancestralidade, enraizada com a natureza e com a vida coletiva do povo em diferentes espaços da aldeia. Desse modo, alcançamos uma pedagogia “com o pé no chão da aldeia” e “com pé no chão do mundo”, baseada na intrínseca relação dos/as Pataxoop com a natureza.

Em seguida, o texto de Romário Santana e Shirley Miranda – “A Escola Indígena Pataxó de Barra Velha: processos pedagógicos próprios” – apresenta reflexões sobre

a história de luta e a construção da educação Escolar Indígena pataxó em Barra Velha/Bahia. As reflexões expõem práticas sociais que integram o currículo da escola indígena Pataxó (multilíngue e comunitária) e que reposicionam a função da escola na apropriação da cultura em diálogo com os conhecimentos ancestrais. O modelo de escola ocidental, branca e eurocêntrica, não possibilita aos povos indígenas a valorização dos seus saberes, sua cultura e sua língua. O texto desvela, por exemplo, a forte relação do povo Pataxó com as águas, particularmente, os mangues, os rios e o mar. Logo, as práticas e os conhecimentos da pesca compõem o referencial pedagógico e curricular da escola indígena. O assentamento da escola no território passou a incluir outros lugares de aprendizagem e a descolonização dos métodos de ensino para garantir modelos educacionais interculturais.

No capítulo 3, Marcone Santos, Nilma Gomes e Natalino Silva tecem reflexões sobre o carnaval como prática educativa negra com o texto "Bloco afro Angola Janga e os testemunhos histórico-estéticos dos negros tambores no carnaval de Belo Horizonte." A folia carnavalesca é apresentada como chance de compreender as complexas dinâmicas socioculturais, econômicas, territoriais e os jogos de poder da e na cidade. Ao promover o cortejo negro em meio a arquiteturas políticas e culturais de base colonial, o Angola Janga contribui com a construção de outros imaginários pela via da estética dos tambores e das corporeidades negras. Desse modo, os processos educativos constituem-se nas produções plurais do bloco com as estéticas sonoras, visuais e corporais negras. A presença das práticas rituais oriundas dos contextos afro-religiosos também marca as dimensões política e educativa das manifestações afrocarnavalescas e o seu potencial antirracista.

O capítulo seguinte, por sua vez, adensa reflexões sobre os movimentos negros educadores. "Pensamento engatilhado: a Filosofia das Periferias na poética-política dos Racionais MC's" é o título do texto de Melina Rocha e Nilma Gomes, que analisam como as canções produzidas pelo grupo de rap são narrativas que expressam valores afrodiaspóricos em uma estética que emerge nas (e das) periferias. Por meio dos Racionais MC's, alcançamos como o Hip-Hop produz uma filosofia das periferias, imersa na ancestralidade, que se contrapõe ao terror das múltiplas desigualdades, do racismo, da violência policial e conjuntamente, reafirma direitos. As autoras

examinam a pedagogia do movimento negro musical que, por meio de uma estética de encantamento, promove a afirmação dos sujeitos negros periféricos. A produção artística do grupo é nomeada como uma poética-política que valoriza a história de africanos e afro-brasileiros, que ressignifica e encanta os territórios marginalizados. Em diálogo com a Filosofia Africana, o pensamento dos Racionais MC's é mirado como uma epistemologia emergente, um fazer filosófico produzido pelas periferias sustentado no saber reflexivo das experiências dos sujeitos em condições precárias de sobrevivência, que também reencanta a vida e afirma coletividades negras e periféricas.

Com o título "Raça e gênero ocupam a escola: a produção de identidades políticas por jovens negras", Priscylla Dias Ferreira e Geraldo Leão também refletem sobre ações políticas e educativas negras, a partir das experiências de jovens mulheres nas ocupações estudantis das escolas públicas de Ensino Médio de Minas Gerais em 2016. As estratégias políticas e as ações plurais desenvolvidas nas ocupações — muitas delas apresentando-se como inovações no contexto dos movimentos estudantis — desvelam modos de luta e educação da militância negra e feminista. O texto expõe como, nas experiências de ocupações estudantis, houve protagonismo das identidades políticas das jovens construídas a partir, necessariamente, de um corpo determinado: o da mulher negra. Raça e gênero são analisados como marcadores de opressão que, se por um lado, induzem o lugar de não existência das jovens, por outro, ao serem ressignificados por elas, revelam-se também como força de resistência criadora e desestabilizadora de estruturas opressoras e de afirmação da existência dessas sujeitas.

No capítulo 6, intitulado "Letramento Racial Literário e discurso: considerações sobre o Livro Didático de Língua Portuguesa", Ivan Espinheira Filho e Míria Oliveira ampliam discussões sobre a escola e o movimento negro. O texto analisa o Letramento Racial e Literário e o papel do livro didático nos debates sobre as relações raciais na escola. Os autores levantam reflexões sobre a importância dos Movimentos Sociais Negros nas abordagens didático-estética e ideológico-discursiva dirigidas aos textos literários de autoria negra. Constata-se que a constituição do sistema e da política de educação brasileira despoja jovens e adultos estudantes, negros ou não, do conhecimento de uma cultura marcadamente negra, sustentando o domínio implícito da branquidade. Portanto, argumenta-se que a presença de obras literárias de autorias

negras no Ensino Médio brasileiro poderia oportunizar aos estudantes-leitores uma apropriação crítica da realidade histórico-cultural e das identidades étnico-raciais e, especialmente, viabilizar discussões sobre raça, racismo e antirracismo.

O capítulo 7, "Um negro corpo", na cena preta, de autoria de Evandro Lima e Carmem Eiterer, é uma escrita memorativa do processo de pesquisa sobre a trajetória do grupo Teatro Negro e Atitude (TNA), a partir dos anos 1990. Olhares sobre o grupo pesquisado ampliam a percepção da cena teatral negra na cidade de Belo Horizonte. O texto problematiza a existência de uma singular pedagogia do teatro negro e adverte que, ainda que não exista uma única forma de "fazer teatro negro", algumas características congregam o fazer teatral de grupos e coletivos: teatro engajado; performance negra; presença negra. Na análise do grupo Teatro Negro e Atitude, os autores destacam uma pedagogia que centraliza os valores civilizatórios afro-brasileiros, a capoeira, a mitologia africana e afro-brasileira, as danças populares e a corporeidade negra. Tais elementos formam a Estética da Atitude e a Poética da Negrura, que orientam o pensamento filosófico, ético e político do grupo teatral.

Rosana Pereira e Rodrigo Jesus encerram o livro com o texto "Enegrecendo o jaleco branco: presença negra em cursos de saúde no contexto de políticas afirmativas no ensino superior." O último capítulo evidencia que as políticas afirmativas transformaram o ensino superior brasileiro, a partir do acesso de pessoas negras, indígenas e oriundas das camadas populares. A presença desses sujeitos diversificou racial e socialmente o perfil universitário. Como consequência, os espaços de debates sobre os múltiplos processos que perfazem as trajetórias negras na universidade são ampliados. Como resultado de uma pesquisa qualitativa, o artigo apresenta as percepções de seis pessoas negras, egressas de cursos de saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sobre a promoção das políticas afirmativas de acesso e permanência e a presença negra na área da saúde. O artigo salienta que as políticas públicas no ensino superior são importantes, tanto no âmbito individual quanto coletivo, possibilitando novos horizontes acerca de representações raciais, identitárias, formações educacionais e desafios nas atuações profissionais.

Nesta edição, além de propor esse cenário recente e em movimento, buscamos compartilhar produções de pesquisas que tematizam a diversidade e a diferença em suas múltiplas expressões e formas de produção e articulação, da produção simbólica à produção dos corpos e das materialidades. Sujeitos coletivos, movimentos sociais diversos, de mulheres, étnicos, raciais, de gênero, das periferias, do campo, trabalhadores/as são considerados como os Outros (Arroyo, 2012). A diversidade dos modos de vida e reflexividade dos Outros, seus modos de luta pelas diferenças interpelam as políticas e teorias pedagógicas. Assim,

“o trabalho docente e educativo são obrigados a mudar as formas de ver os educandos, de ver os grupos sociais. Coletivos que vêm reeducando essa visão genérica, esse individualismo social e pedagógico. As teorias pedagógicas reeducadas pelos coletivos em movimento (Arroyo, 2012, p. 232).

Referências

ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; LEÃO, Geraldo (Org.). *Quando a diversidade interroga a formação docente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.